

Rudolf Lanz

A Pedagogia Waldorf

Caminho para um ensino mais humano

Apêndice:

'Questões prementes da atualidade educacional'
com capítulo especial por Valdemar W. Setzer

12ª edição


ANTROPOSÓFICA

Sumário

Prefácio	11
PRIMEIRA PARTE:	
<i>A imagem do homem à luz da Antroposofia</i>	13
A entidade humana.....	15
O homem dentro do Universo.....	28
O ser humano tríplice	30
SEGUNDA PARTE:	
<i>O desenvolvimento da criança</i>	35
Introdução	37
Os setênios	38
I. O primeiro setênio: infância	41
II. O segundo setênio: juventude.....	47
III. O terceiro setênio: adolescência.....	57
Retrospectiva	64
I. O caminho até o pensar conceitual	64
II. A lei da metamorfose.....	65
III. Personalidade, hereditariedade e doenças infantis	67
IV. Do desenvolvimento do 'eu' ao respeito ao 'tu'.....	68
Os temperamentos	70
TERCEIRA PARTE: Fundamentos	
<i>e princípios gerais da Pedagogia Waldorf</i>	75
Ensino em crise.....	77
O professor, realizador da Pedagogia Waldorf.....	80
A educação, uma terapia	89
Pensar, sentir, querer: polaridade e harmonização.....	91
O realismo da Pedagogia Waldorf.....	94
A importância da vivência.....	96
A classe	98
O ensino em épocas – uma exigência lógica	102
A avaliação.....	105

Rudolf Lanz

A Pedagogia Waldorf

Caminho para um ensino mais humano

Apêndice:

'Questões prementes da atualidade educacional'
com capítulo especial por Valdemar W. Setzer

12ª edição


ANTROPOSÓFICA

© Rudolf Lanz, 1979 (conteúdo principal)
© Valdemar W. Setzer, 2016 (texto do apêndice)

Direitos desta edição reservados à
EDITORA ANTROPOSÓFICA LTDA. — Rua da Fraternidade, 180
04738-020 São Paulo – SP — Tel./Fax (11) 5687-9714
www.antroposofica.com.br — editora@antroposofica.com.br

Revisões, atualizações, projeto gráfico interno,
textos editoriais: Jacira Cardoso
Design original da capa: Gabriela Sofia Antonio
Fotos: Gabriel Tilkian (capa dianteira) e
Ricardo Teles (capa traseira)

Produção editorial: AD VERBUM EDITORIAL
www.ad-verbum-editorial.com.br

1ª edição 1979 / 2ª e 3ª edições s.d.: Summus Editorial, São Paulo
4ª–11ª edições (1986–2013): Antroposófica, São Paulo
ISBN 978-85-7122-101-7

12ª edição — 2016

ISBN 978-85-7122-262-5

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Lanz, Rudolf, 1915-1998.

A pedagogia Waldorf : caminho para um ensino mais humano / Rudolf Lanz. – 12. ed. – São Paulo : Antroposófica, 2016.

Apêndice: Questões prementes da atualidade educacional com capítulo por Valdemar W. Setzer.

Bibliografia.

ISBN 978-85-7122-262-5

1. Antroposofia 2. Crianças – Desenvolvimento 3. Educação de crianças 4. Escolas Waldorf I. Título.

16-03305

CDD-370.112

Índices para catálogo sistemático:

1. Ensino Waldorf : Educação 370.112
2. Pedagogia Waldorf : Educação 370.112

A MARIANNE

Sumário

Prefácio	11
PRIMEIRA PARTE:	
<i>A imagem do homem à luz da Antroposofia</i>	13
A entidade humana.....	15
O homem dentro do Universo.....	28
O ser humano tríplice	30
SEGUNDA PARTE:	
<i>O desenvolvimento da criança</i>	35
Introdução	37
Os setênios	38
I. O primeiro setênio: infância	41
II. O segundo setênio: juventude.....	47
III. O terceiro setênio: adolescência.....	57
Retrospectiva	64
I. O caminho até o pensar conceitual	64
II. A lei da metamorfose.....	65
III. Personalidade, hereditariedade e doenças infantis	67
IV. Do desenvolvimento do 'eu' ao respeito ao 'tu'	68
Os temperamentos	70
TERCEIRA PARTE: Fundamentos	
<i>e princípios gerais da Pedagogia Waldorf</i>	75
Ensino em crise.....	77
O professor, realizador da Pedagogia Waldorf.....	80
A educação, uma terapia	89
Pensar, sentir, querer: polaridade e harmonização.....	91
O realismo da Pedagogia Waldorf.....	94
A importância da vivência.....	96
A classe	98
O ensino em épocas – uma exigência lógica	102
A avaliação.....	105

QUARTA PARTE:

A aplicação da Pedagogia Waldorf.....	107
O jardim de infância	109
Os contos de fadas	112
A escola propriamente dita	115
I. Aspectos gerais.....	115
II. Algumas considerações sobre o currículo Waldorf	122
1) A linguagem: fala, escrita e leitura	123
2) A História.....	128
3) A Geografia	129
4) As Línguas Estrangeiras	130
5) A Matemática e a Geometria.....	131
6) As matérias científicas (Ciências).....	133
7) As Artes — o trabalho artesanal e profissionalizante. Atividades corporais	135
8) A Jardinagem.....	138
9) O Desenho de Formas.....	138
10) O ensino de Religião	139
11) Festas — apresentações — excursões	140
A Pedagogia Waldorf e a atualidade	142
I. Autoridade versus liberdade	142
II. Por que dar ênfase à forma?	145
III. Brinquedos	147
IV. O problema da televisão.....	149
V. O ensino audiovisual.....	160
VI. Fenômenos de aceleração — A alfabetização em idade escolar	162
VII. Ensino programado?	164
VIII. Educação — preparação para a vida?	172
IX. A religião na vida da criança	175
X. A educação sexual na escola	176
XI. A informática e a internet na idade escolar	180
QUINTA PARTE:	
As escolas 'Rudolf Steiner' ou 'Waldorf'	181
Princípios gerais	183
Um pouco de história.....	188
Estrutura formal.....	193

I. O corpo docente.....	195
II. A associação mantenedora	197
III. Os pais dos alunos	198
IV. Cursos de formação pedagógica.....	199
Epílogo	201

APÊNDICE:

Questões prementes da atualidade educacional	203
Nota preliminar	205
Os meios eletrônicos e a educação: problemas e soluções	207
1. Introdução.....	207
2. Os aparelhos	207
2.1 O que eles têm em comum.....	207
2.2 Características dos aparelhos.....	209
3. O estado dos usuários.....	211
4. O problema da dependência.....	218
5. O perigo para crianças e adolescentes	224
6. Dois argumentos irrefutáveis.....	228
7. Excesso de peso e obesidade	229
8. Outros problemas de saúde.....	230
9. Dessensibilização social e agressividade.....	232
10. Diminuição do rendimento escolar.....	239
11. Aceleração do desenvolvimento	242
12. Os meios eletrônicos e a Pedagogia Waldorf.....	246
12.1 Desenvolvimento harmônico, segundo as idades.....	247
12.2 Pensar, sentir e querer.....	251
12.3 A importância da vivência.....	255
12.4 Sociabilidade.....	256
12.5 Ritmo.....	257
12.6 Capacidades sociais, artísticas e intelectuais.....	258
12.7 Indução de mentalidade materialista	260
12.8 Desenvolvimento da liberdade.....	261
12.9 Outros prejuízos para uma educação Waldorf.....	262
13. Conclusões e recomendações.....	264
Referências	266
BIBLIOGRAFIA / INFORMAÇÕES GERAIS.....	273
Fontes bibliográficas	275
Indicações bibliográficas em português.....	276
A Pedagogia Waldorf no Brasil.....	279

Prefácio

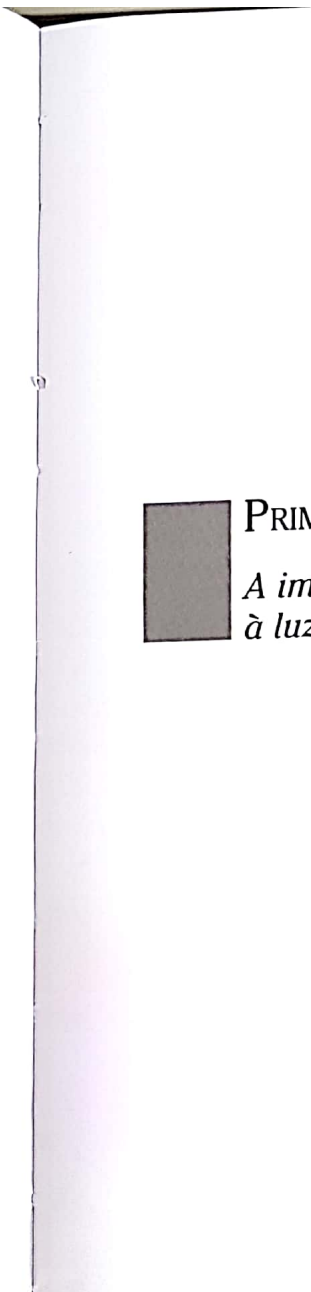
A finalidade desta obra é apresentar ao público brasileiro um sistema pedagógico que tem provocado muitos debates, mormente em países europeus. Não se trata de um sistema novo, pois data de 1919. Apesar disso, sua atualidade é demonstrada não somente por acirrados prós e contras, mas também pelo fato de o número de escolas que se orientam por essa 'nova' filosofia do ensino aumentar constantemente. Vale a pena, pois, investigar se esta não vem ao encontro de inúmeras pessoas desiludidas pelos sistemas educacionais atualmente em vigor.

O que distingue a Pedagogia Waldorf de outras teorias pedagógicas é o fato de ela se basear numa observação íntima do 'ser criança' e das condições necessárias ao desenvolvimento infantil. Sem esse conhecimento, o próprio conteúdo da Pedagogia Waldorf não pode ser compreendido. Porém, mesmo esse conhecimento careceria de base se não fosse situado no contexto mais amplo e mais complexo da cosmovisão que constitui, de certa forma, seu envoltório espiritual. Trata-se da *Antroposofia*, ciência espiritual criada no início do século XX por Rudolf Steiner. Sem pretender, nesta altura, entrar numa explicação mais detalhada, pode-se dizer que a Antroposofia tem por centro uma imagem do ser humano distinta dos conceitos que a civilização atual elabora a esse respeito.

Dessas considerações decorre o plano do presente livro: após um estudo sumário da parte da Antroposofia referente à entidade humana, um capítulo mais extenso será dedicado ao desenvolvimento da criança à luz da Ciência Espiritual Antroposófica. Somente depois desse estudo preliminar é que será possível e proveitoso abordar os princípios da própria Pedagogia Waldorf e sua aplicação nas chamadas escolas Waldorf.

O leitor desejoso de conhecer melhor os ensinamentos de Rudolf Steiner encontrará em suas obras e na de seus continuadores (muitas indicadas no final do livro) a exposição de toda a cosmovisão antroposófica.

Rudolf Lanz



PRIMEIRA PARTE:
*A imagem do homem
à luz da Antroposofia*

A entidade humana

A ciência moderna, materialista, mecanicista e, na medida do possível, 'exata', procura enquadrar o ser humano num sistema de regras e interpretá-lo aplicando-lhe leis vigentes na química, na física, na biologia, na psicologia animal — numa palavra, explicando-o por fatos e fenômenos dos reinos inferiores: o mineral, o vegetal, o animal. A própria antropologia tradicional usa em seu trabalho critérios e conceitos da biologia, da psicologia, da sociologia e das outras ciências modernas. A Antroposofia enfoca o ser humano sob um ângulo mais amplo, embora seu raciocínio e seus métodos não deixem de ter o mesmo rigor científico.

Procurando compreender a entidade humana, constataremos, à primeira observação, que seu corpo é constituído pelas substâncias ou elementos químicos que também formam o mundo ao nosso redor. O mesmo carbono, oxigênio, cálcio, ferro, etc. acham-se na constituição de ambos. Essas substâncias e suas constituições entram no corpo e dele saem num fluxo contínuo, pela respiração, pela alimentação e pela secreção. Os processos do metabolismo são amplamente conhecidos, a tal ponto que se costuma comparar o corpo a um complexo laboratório químico.

O conhecimento da matéria — inclusive daquela que constitui nosso corpo — nos é fornecido por nossos sentidos. Em seu conjunto, essas substâncias formam o reino mineral, e podemos dizer que os seres dos outros reinos (vegetal, animal e humano) as contêm igualmente, embora num estado de complexidade superior. O mundo mineral ou 'inorgânico' encontra sua expressão mais típica no cristal. Todos os fenômenos desse mundo são explicados por meio de leis e conceitos químicos, físicos e matemáticos; um aparente princípio de causalidade reina em todos os processos dinâmicos, na transformação das formas de energia e na combinação de elementos químicos simples em substâncias mais complexas.

As causas de todos esses fenômenos encontram-se no mundo sensível ou físico que nos rodeia. Extrapolando as leis descobertas nos últimos séculos, os astrofísicos e astrônomos estabeleceram

também teorias sobre os fenômenos extraterrestres, formulando a hipótese de que as mesmas leis são válidas em todo o Universo.

Se compararmos o mundo inorgânico, de um lado, e os seres dos reinos vegetal, animal e humano, de outro, veremos que estes se diferenciam daquele pelo que chamamos de vida. Assistiremos a fenômenos novos que o reino mineral desconhece: crescimento, formas típicas, regeneração, reprodução, metabolismo, etc. Veremos também que os elementos químicos formam substâncias de estrutura mais complexa e de grande labilidade química, como a albumina, o protoplasma, etc. Observaremos, finalmente, que os seres vivos têm uma existência limitada no tempo; eles nascem e morrem, enquanto uma pedra nunca cessa de ser a mesma pedra, a não ser que forças externas, e não inerentes à sua própria essência, venham a modificar ou destruir sua forma.

Parece, pois, que nos seres inorgânicos existe algo além da pura substancialidade, algo que subtrai a matéria das leis inerentes à sua própria natureza. No momento da morte, esse 'algo' deixa de existir, ou pelo menos de atuar: o corpo morto passa a ser um cadáver, e nesse caso sua substância volta a obedecer exclusivamente às leis do mundo inorgânico: o organismo se decompõe, perdendo sua forma e estrutura específicas e retornando ao reino do 'pó da terra'.

Podemos, portanto, afirmar que os seres orgânicos seguem leis opostas, ou, pelo menos, alheias às leis químicas e físicas do mundo mineral.

Além disso, verificamos que cada ser orgânico tem sua forma particular. Podemos imaginar duas sementes que, do ponto de vista químico, sejam compostas dos mesmos elementos; apesar disso, uma formará uma planta de determinado tipo e a outra uma planta de espécie e aspecto completamente diferente, pois cada uma segue, para sua estrutura, um modelo próprio. Essa autonomia da forma orgânica vai muito longe. Cada planta, por exemplo, tem sua silhueta típica. Se lhe podarmos a folhagem, ela a restabelecerá automaticamente. Até os seres mais elevados, como o homem e os mamíferos, têm essa faculdade dentro de certos limites: uma ferida cicatriza, isto é, a forma original se restabelece como se alguma força plasmadora central comandasse o comportamento dos tecidos vizinhos, no sentido de uma volta ao aspecto anterior.

Esse comportamento não pode resultar da atuação de uma 'mensagem genética' que estaria presente em todas as células de um organismo (como afirmam certas escolas da biologia atual), já que se trata, evidentemente, de um princípio supracelular.

Continuando nossa comparação entre os mundos orgânico e inorgânico, constataremos que os minerais realizam sua existência apenas no espaço, não tendo qualquer desenvolvimento (deixaremos de lado fenômenos particulares, como a radioatividade espontânea ou o envelhecimento dos metais), enquanto as plantas (e os animais e o homem) têm uma evolução no tempo.

O cristal é 'autossuficiente'. Ele existe e dura por si, não podendo ser produzido 'de fora'. Já o organismo necessita de influências exteriores para sua existência: a luz solar e a corrente ininterrupta da respiração e do metabolismo são fatores imprescindíveis para o crescimento e todas as demais manifestações da vida.

Até aqui, nada de novo para o leitor que costuma observar, sem preconceitos e de olhos abertos, os fenômenos ao seu redor. A biologia moderna procura minimizar as diferenças entre os reinos inorgânico e orgânico, afirmando que este é, por assim dizer, uma continuação, sem hiato, daquele. Mas o que será esse 'algo' que faz com que as substâncias do mundo mineral venham a formar organismos?

Doutrinas vitalistas do passado e do presente ensinam que há uma força vital permeando os seres orgânicos. Mas com o emprego desse termo coloca-se apenas um rótulo numa incógnita, sem qualquer verdadeira explicação. Essa atitude certamente não seria apropriada para um cientista. A Antroposofia oferece a seguinte explicação:

Os seres orgânicos possuem, além de seu corpo mineral ou físico, um segundo corpo não físico que permeia o corpo físico. Esse segundo corpo é o conjunto das forças que dão vida ao ser e impedem a matéria de seguir suas leis químicas e físicas normais. Rudolf Steiner, o fundador da Antroposofia, chamou esse segundo corpo de *corpo plasmador* ou *corpo das forças plasmadoras*. Por motivos cuja explicação ultrapassaria o âmbito deste livro, esse corpo vital é também chamado de *corpo etérico*. O corpo etérico não existe, pois, nos minerais; existe, sim, nas plantas, nos animais e no homem.

Assim como o corpo físico é constituído de substâncias físicas, o etérico retira sua substância de um plano etérico geral. (Temos de empregar o termo 'substância', embora estejamos cōncios de que em domínios não físicos não se deva, a rigor, empregar termos extraídos do plano sensorial; porém nossa linguagem foi elaborada para as coisas deste mundo, e não há palavras apropriadas para exprimir exatamente o sentido e a essência de fenômenos de outros planos. Esta observação é válida para todos os termos que empregaremos a seguir.) Assim como o corpo físico é uma aglomeração individualizada de substâncias químicas, também o corpo etérico é um verdadeiro 'corpo', embora não seja perceptível aos nossos sentidos comuns.

Aqui surge uma primeira grande dúvida: como é que a Antroposofia pode afirmar a existência de tal corpo? Não será uma afirmação gratuita, simples postulado ou hipótese, em nada mais válida do que tantas outras hipóteses ou teorias formuladas pela ciência e pelas religiões? Assim seria se o corpo etérico fosse apenas um conceito, uma abstração. Na realidade, porém, o corpo etérico pode ser observado, sua existência pode ser evidenciada, suas funções podem ser analisadas e investigadas por experiência própria e direta. Mas como?

Nossos sentidos comuns só nos mostram objetos e forças físicas. Mas a Ciência Espiritual nos revela que o homem possui, além dos sentidos físicos, sentidos superiores que lhe possibilitam observar fenômenos de planos elevados — ou antes: ele possui esses sentidos em estado latente, podendo despertá-los por meio de um treino adequado. Afirma a Antroposofia que em épocas remotas todos os homens possuíam esses sentidos, que lhes proporcionavam uma vivência suprassensível. Mesmo em épocas posteriores, havia sempre indivíduos privilegiados que possuíam essa clarividência, ao passo que a maioria dos homens já a havia perdido. No futuro, os homens voltarão a possuir esses sentidos superiores em pleno funcionamento. A Antroposofia indica o caminho que permite ao homem moderno, com a conservação de sua plena consciência, despertá-los pouco a pouco.

O corpo etérico pode ser 'visto' (naturalmente não se trata de visão por meio dos olhos físicos) pelos indivíduos que atingiram certo grau de clarividência. Em todas as épocas da História houve

tais iniciados, e suas descrições são concordantes sobre este e sobre os demais 'objetos' da Antroposofia.

Na realidade, a Antroposofia nada afirma de novo desse ponto. O esoterismo hindu, egípcio, tibetano ou grego, bem como o de várias correntes mais recentes, conhece esse corpo etérico e suas funções. A Antroposofia apenas traduz essa velha sabedoria em formulações conceituais modernas, de acordo com o grau de evolução alcançado pelo homem do século XX.

O corpo etérico mantém a vida e atua contra a morte; esta aparece como passagem para um estado puramente mineral. Nos seres vivos, assistimos a um processo de mineralização cuja presença no corpo humano pode ser facilmente observado; trata-se de um enfraquecimento progressivo das forças plasmadoras do corpo etérico até o momento da morte, que marca o triunfo total das forças mineralizantes.

É curioso observar, a esse respeito, que inspirados pensadores do passado já afirmaram que a vida é um morrer contínuo. Basta comparar um recém-nascido a um ancião para compreender a profunda verdade dessa afirmação. No recém-nascido, a vitalidade está em seu ápice: o corpo é mole, elástico, plasmável; a consciência, o intelecto e todas as atividades psíquicas ainda não estão desenvolvidas, e a criança vive, por assim dizer, entregue às suas funções vitais e vegetativas. No adulto, e mais ainda no ancião, o corpo está ressecado e desvitalizado, as funções biológicas estão reduzidas e sujeitas a estados patológicos (disfunções, atrofia, esclerose, mineralização, etc.); em contrapartida, as faculdades mentais, a circunspecção e o autodomínio se acham plenamente desenvolvidos, atingindo um ponto culminante na serenidade e na sabedoria contemplativa da velhice (desde que a fraqueza física não seja um empecilho).

As numerosas doenças da velhice (esclerose, gota, cálculos, etc.) são uma indicação do triunfo progressivo das forças mineralizantes sobre as forças etéricas. Os depósitos, muitas vezes cristalinos, constituem uma invasão da matéria 'morta' no corpo vivo.

Seja permitido, aqui, observar que as forças etéricas não se enquadram na 'causalidade' mecânica e determinista que prevalece no mundo físico. Por exemplo, a planta cresce 'para cima', em

sentido oposto à gravidade terrestre. Em outras palavras: o mundo orgânico atua em sentido oposto ao aumento da entropia.

Já vimos que o mineral encontra sua forma mais expressiva no cristal, ou seja, na matéria em estado sólido. Os fenômenos vitais só ocorrem em meio úmido ou líquido. Não existe vida sem água. Se voltarmos uma vez mais ao nosso exemplo do recém-nascido e do ancião, veremos que o corpo do primeiro contém proporcionalmente muito mais água. Os próprios depósitos (cálculos, artrite) constituem solidificações em lugares onde o organismo plenamente vitalizado deve conter apenas líquidos, colóides ou outras formas ainda plásticas e maleáveis.

Em resumo, a planta (e, por extensão, o animal e o homem) aparece composta de substâncias físicas (matéria) que se colocam 'ao longo' de um corpo etérico que poderia ser comparado (mas essa comparação seria falha) a um campo de forças invisíveis. Assim como a limalha de ferro se coloca nas linhas do campo magnético, assim a matéria 'preenche' a forma não física do corpo etérico. Mas enquanto o campo é estático, o corpo etérico, além de dar a forma, provoca também toda a dinâmica das funções vitais. Ele atua no espaço e no tempo, de acordo com as leis específicas do plano etérico.

Outrossim, constatamos empiricamente certa polaridade entre vida e consciência; um predomínio da vitalidade implica em consciência reduzida — ou, em outros termos: o desenvolvimento da consciência se faz à custa das energias vitais.

*

Tanto o animal como a planta vivem. Todavia, enquanto a planta aparece como um ser adormecido, em estado de 'sono', o animal vive num estado de vigília, caracterizado por um estado de consciência que já se manifesta nos animais mais primitivos. Ou melhor: o animal passa por estados alternados de sono e vigília. Nestes últimos, ele sente e reage; tem impulsos (procura de alimento, de parceiros sexuais), manifesta atitudes de atração (simpatia) e repulsa (antipatia), pode 'aprender', etc.

Verificamos ainda que a planta é aberta: a superfície da folha (elemento básico da planta, de acordo com a genial descoberta de Goethe) está exposta e permeável às forças de fora. Ela não tem vida 'interior'. O animal, por seu lado, nos parece mais fechado, mais isolado do mundo externo. E isto não apenas fisicamente;

existe nele uma espécie de espaço interior que não é apenas físico (estruturação do sistema do corpo, órgãos com funções definidas, etc.), mas também anímico. No animal há um 'mundo próprio' de reações, instintos e atitudes, graças ao qual ele ocupa um lugar isolado dentro da natureza, enquanto a planta é entregue ao mundo, sendo a cada momento atravessada por suas influências.

Enquanto a planta se realiza no tempo, com o surgimento gradativo de suas partes, o animal está pronto e completo desde seu nascimento. Desde o início de sua vida, seu corpo contém todos os órgãos. Ele cresce em tamanho, mas não se diversifica (vamos desprezar aqui fatos como a metamorfose dos insetos, que tem outra explicação).

Novamente podemos dizer que as observações sucintas que precedem não constituem novidade alguma para um observador criterioso. O que a Antroposofia acrescenta de novo é uma descoberta de sua importância; todos os fenômenos aludidos são ligados à essência de um veículo que não existe na planta, mas está presente nos animais. Esse veículo é que permite ao animal ter sensações e reflexos, simpatias e antipatias, instintos e paixões. No homem ele torna possível toda a gama do sentir, desde o instinto primitivo até os sentimentos mais nobres e sublimes.

Também esse veículo aparece como um 'corpo', mas de uma substancialidade ainda mais refinada e sutil do que a do corpo etérico. Um grau mais elevado de vidência permite ao iniciado perceber esse corpo por meio de uma outra série de órgãos superiores. Esse corpo, veículo das sensações e sentimentos, pode ser chamado de *corpo de sentimentos*. Rudolf Steiner denominou-o *corpo astral*. Sem entrar em detalhes sobre as razões dessa denominação, quero lembrar apenas que antigas correntes esotéricas vislumbravam uma relação entre as forças planetárias (em latim, *astra*) e os órgãos do homem com sua vida anímica. Daí o nome 'corpo astral'.

Estamos, pois, novamente em presença de um 'corpo' que permeia o corpo visível do homem e do animal. Ambos possuem, portanto, além do corpo físico e do corpo vital ou etérico, esse terceiro membro de sua entidade, pelo qual participam de um terceiro plano — o chamado plano astral.

Esse corpo astral é superior ao corpo etérico, dominando-o. Provoca no corpo físico e no corpo etérico a especialização de fun-

ções, que se traduz pelos órgãos ocos. Enquanto a folha, elemento constitutivo da planta, é plana e pode ser considerada como bidimensional, o corpo de qualquer animal contém esses espaços tridimensionais ocos, cuja primeira aparição se dá no estado de gástrula do embrião. Esse vazio foi, desde tempos remotos, posto em relação com o ar; e, de fato, o elemento atribuído ao mundo animal era o ar (no sentido da divisão antiga do mundo em quatro elementos). Como o conjunto das forças anímicas também é chamado 'alma', podemos estabelecer paralelos interessantes entre as palavras latinas *anima* (alma), *animus* (vento, ar, sopro) e *animal* (animal).

A presença do elemento 'ar' se manifesta de muitas maneiras. Os animais superiores possuem a faculdade de manifestar seus estados anímicos pela voz, pelo grito, utilizando para isso o ar. Enquanto nas plantas a respiração é uma corrente contínua, na maioria dos animais ela se efetua como uma alternância rítmica da inspiração e da expiração. Quanto mais um animal se afasta das funções puramente vegetativas (que ainda o aproxima da planta), mais o elemento 'ar' passa a dominar sua vida. Comparem-se animais 'atentos' como os pássaros, os lagartos, etc. com os bichos 'sonolentos' como os vermes, as vacas, etc., nos quais a preponderância do 'vegetativo' se traduz pelo corpo mais viscoso, dominado por processos 'viscerais'.

Mas voltemos à nossa caracterização do animal frente ao reino vegetal. Dissemos que o animal é mais fechado, mais separado do mundo. Para compensar esse isolamento, o animal inova em três domínios:

1. Ele emprega um sistema sensorial e nervoso que supera seu isolamento do mundo e restabelece o contato com este.
2. Ele se locomove em seu ambiente. O movimento permite-lhe tomar uma atitude ou ocupar o lugar mais propício para a realização de seus instintos (fuga, sexo, fome, etc.). Todo o movimento é dirigido.
3. Ele vive e age com certa consciência.

Essa consciência o leva a reagir de maneiras típicas e características de cada espécie. Evidentemente não se trata de uma consciência lúcida, individual, pois não podemos falar de indivíduos

entre os animais. Todos os exemplares de uma espécie se comportam e reagem de maneira igual, como se um impulso de grupo lhes orientasse a vida. Por esse motivo, Rudolf Steiner não atribui aos animais uma 'alma' individual, mas antes uma alma de grupo que se manifesta por meio dos corpos astrais de todos os membros de uma mesma espécie.

Tratando-se mais especificamente do corpo astral humano, a clarividência revela que seu 'aspecto' depende dos sentimentos que prevalecem no indivíduo observado. O vidente fala em 'coloração' desse corpo astral, embora naturalmente não se trate de cores físicas. Quanto mais puros e menos egoístas os sentimentos, mais claro e brilhante é o corpo astral, ao qual se dá também o nome de *aura*. Daí o costume de representar o corpo ou a cabeça de pessoas 'santas' envoltos numa aura clara e luminosa (*mandorla* na Índia, *auréola* na pintura ocidental). Trata-se de uma tradição cujas origens remonta a épocas em que ainda se podia perceber o corpo astral como resultado de uma clarividência geral.

*

Demos agora mais um passo procurando diferenciar o homem do animal. Devemos perguntar se o homem é apenas um animal mais evoluído — com certas faculdades já existentes neste último, porém mais aperfeiçoadas e desenvolvidas —, ou se o homem é fundamentalmente diferente de qualquer animal, possuindo algo mais que o distinga dele.

As teorias evolucionistas seguem a primeira hipótese, fazendo o homem descender em linha reta do animal. A Antroposofia não é da mesma opinião.

Com efeito, os animais não têm individualidade; eles são dirigidos por almas de grupo; a não ser em casos de condicionamento artificial, todas as tartarugas ou baleias reagem de maneira idêntica e típica, como se seus impulsos fossem dirigidos de fora (para estas considerações, devem-se tomar como exemplos típicos os animais selvagens e não os domésticos, que já sofreram a influência do homem). É no homem que aparece a verdadeira individualização. Cada homem é um ser único, singular, diferente de todos os demais seres humanos.

Enquanto os animais atingiram um estado de vigília ao qual não hesitamos em dar o nome de consciência, só o homem tem

consciência de si próprio, a autoconsciência, que o faz ter plena noção de si mesmo frente ao mundo. Isso pressupõe uma série de faculdades que não encontramos no animal:

1. Só o homem pode pensar, opor-se ao mundo numa relação sujeito-objeto. Ele pode representar de maneira abstrata suas vivências sensoriais e elevar-se a conceitos e ideias. Não seria impossível ensinar a um rato ou a um cachorro achar seu caminho num labirinto; mas só o homem pode, percorrido o trajeto certo, sentar junto a uma mesa e representar a imagem abstrata do labirinto por meio de um desenho deste. Qualquer abelha constrói favos perfeitamente hexagonais; mas só o homem pode compreender as relações geométricas e o princípio de construção de um hexágono regular.
2. O animal está entregue às suas sensações e sentimentos. Cesando a causa que lhe provoca uma sensação ou um sentimento, acaba também o estado anímico. O homem possui a durabilidade dos sentimentos, além da presença da causa. Mais ainda, ele pode até provocar um sentimento por uma pura representação mental. Eu posso pressentir os gozos gastronômicos pela simples imaginação de um suculento jantar.
3. O homem tem memória — o animal não! Essa afirmação parece temerária quando se pensa na alegria de um cão quando seu dono volta após uma ausência prolongada. Porém uma coisa é memória, outra o fato de reconhecer. No caso do animal, a sensação, agradável ou não, repete-se quando a mesma causa está presente. A presença do dono provoca sempre a mesma reação; mas para isso é necessária a presença física do fato causador. O cachorro pode até sofrer quando lhe falta essa presença; mas só o homem pode representar, sob forma de imagens, um ser ou uma situação da qual não haja mais vestígio. A memória, como faculdade de 'chamar de volta' qualquer situação vivida anteriormente, é uma faculdade exclusivamente humana.
4. Das três faculdades descritas nasce a capacidade do homem para livrar-se das influências do meio, isolando-se por completo e podendo até resistir a essas influências. Nenhum animal pode dominar seus instintos por uma decisão autônoma. O homem

pode dominar-se, renunciar a um prazer ou à satisfação de um desejo. Ele pode ponderar vários motivos, refletir sobre as consequências de um ato passado. Tudo isso é possível ao animal.

5. Em consequência disso, só o homem pode ter liberdade de agir, de escolher conscientemente entre vários atos possíveis. Somente ele pode agir moral ou imoralmente. O animal segue trilhas fixas e predeterminadas pelas características de sua espécie; ele é irresponsável.

O homem possui, pois, um centro autônomo de sua personalidade, o qual constitui o âmago de sua consciência e do qual ele tem uma experiência direta e insofismável. Quando fala desse centro, ele diz "eu", e esse eu ou ego, verdadeira parcela espiritual, é que o distingue do animal.

Além e acima dos três 'corpos' inferiores (físico, etérico e astral) o homem possui, pois, um quarto elemento constitutivo de sua entidade — ou melhor: *ele é esse eu (ego)*, ao qual os três corpos servem apenas de base ou envoltório.

O eu lhe confere sua personalidade, o eu pensa, sente e deseja por intermédio de seus corpos inferiores; o eu ama e odeia, cobiça e renuncia, comete atos bons ou maus.

Desde há muitos séculos os poetas falam em 'fogo da personalidade, do amor e do ódio' — e com muita razão, pois o elemento do fogo é, por assim dizer, o apanágio espiritual do eu.

Como elemento espiritual autônomo, o eu não está sujeito às limitações do espaço e do tempo. Ele é eterno, independente e alheio às características passageiras de seus corpos inferiores. Estes estão a serviço do eu, constituindo seu veículo na vida terrena.

A presença do eu faz o homem. Dessa presença os corpos inferiores recebem suas feições e funções diferentes das que existem nas plantas e nos animais. Assim, por exemplo, o pensar e a memória estão ligados ao corpo etérico. Não é este que pensa, mas que, por exemplo, constitui para a memória o meio no qual se 'guardam' as experiências passadas. Da mesma maneira, o cérebro é imprescindível para o pensar; mas naturalmente não é o cérebro que pensa; ele serve ao homem apenas como veículo físico para o pensar.

O mineral, a planta e o animal são criações. O homem é criação e criador. Criado por forças exteriores a ele, libertou-se,

pelo menos parcialmente, dessas forças criadoras, tornando-se autônomo e criador. Ele continua a obra da Criação; como pensador, filósofo ou artista, acrescenta ao mundo algo de novo. Sua liberdade está em oposição ao determinismo inelutável que domina os reinos inferiores.

Por meio do eu, o homem pode dominar e purificar seus sentimentos, instintos e paixões. O espírito é, de certa forma, um adversário daquilo que em nós é meramente anímico. Toda ética tem sua razão de ser nesse antagonismo.

Veremos mais adiante que o princípio da evolução reina em toda existência, embora de maneira bem diversa da imaginada pelo darwinismo e outras escolas bio-históricas. O homem nem sempre foi homem, e deverá alcançar, futuramente, estados superiores ao meramente humano.

O homem se desenvolve não somente pela aquisição de novos conhecimentos e técnicas. Ele evolui sobretudo pelo aperfeiçoamento de suas faculdades anímicas, mentais e morais. Sua própria 'egoidade', o grau de sua consciência e de sua maneira de pensar evoluíram no passado e evoluirão no futuro. Ele vive e viverá adquirindo novas faculdades.

Já vimos que o corpo astral é o veículo para sensações e sentimentos, instintos e atividades psíquicas conscientes e inconscientes. Do convívio do eu com ele e com os corpos inferiores nasceu um conjunto autônomo de atitudes e faculdades chamado vulgarmente de alma.

A alma, distinta da corporalidade e do eu, constitui, pois, como que um elemento de ligação entre o eu e o mundo. O eu sente e age por intermédio desse instrumento.

Contudo, essa alma não é homogênea. Ela possui faculdades que fizeram sua aparição gradativamente no decorrer da História. Diremos que a 'alma' se manifesta de três formas. Para maior simplicidade, a Antroposofia até fala de três almas¹, ou seja:

1. A *alma sensível ou alma da sensação*: ela traz a consciência das sensações, a vivência de uma impressão sensorial — por exemplo, de uma cor, de uma obra musical, de uma dor. Mediante a alma sensível, o homem vivencia o mundo.

¹ Aristóteles e outros já falavam em várias almas.

2. A *alma do intelecto ou alma do sentimento*: por meio dela o homem formula pensamentos. Ele põe em ordem as sensações recebidas, compreende o mundo, constrói um universo interno de pensamentos e ideias. A abstração, o pensar conceitual, são resultados da existência dessa alma do intelecto. Ciência e filosofia são seus frutos.
3. A *alma consciente ou alma da consciência*: traz ao homem a consciência de sua própria individualidade e o choque entre seu ego e o mundo. Ele se sente distanciado, abandonado; em consequência, sofre por seu isolamento, duvidando de tudo e não se dando mais por satisfeito com explicações fornecidas pela alma racional.

Um grande esforço é necessário para o homem poder transpor o abismo que a própria alma consciente rasgou entre ele e o mundo. Num trabalho árduo, ele deve restabelecer a ligação entre a parcela espiritual de seu eu e a espiritualidade universal. A Antroposofia propõe para isso um caminho adequado ao homem moderno.

Mas esse esforço já nos leva ao desenvolvimento futuro da humanidade. Com efeito, as três almas são o fruto da simples coexistência entre o eu e os três corpos inferiores. Sem qualquer atuação consciente do eu, as três almas desenvolveram-se pouco a pouco ao longo da história do homem.

No futuro, o eu, que entretentes terá atingido a plena maturidade e autoconsciência, deverá tomar seu destino nas próprias mãos. Ele impregnará com suas próprias forças e propriedades os três corpos inferiores, começando pelo corpo astral, que lhe oferece menor resistência do que os corpos etérico e físico, mais 'densos' e menos maleáveis.

Nesse trabalho árduo e difícil de 'espiritualização' consciente dos corpos inferiores, o eu criará, por assim dizer, novos membros futuros, novas camadas do ser humano.

O homem dentro do Universo

A imagem do homem, tal como resulta do capítulo precedente, não seria completa sem a menção, pelo menos sumária, de alguns outros conceitos básicos da Antroposofia.

Assim como abaixo do homem existem três reinos menos completos do que ele, acima dele existem seres mais complexos, possuidores de qualidades e estados de consciência que lhe são desconhecidos. Por não possuírem um corpo físico, esses seres não são perceptíveis aos sentidos físicos comuns, mas podem ser vivenciados por quem possui os sentidos superiores despertos. Esses seres, cuja existência, embora não física, é tão real como a dos reinos terrestres, eram os deuses, espíritos e outras entidades superiores de todos os antigos mitos e religiões, inclusive das religiões monoteístas.

Esses seres espirituais constituem todo um mundo hierarquicamente ordenado. Interferem nos processos da natureza, inclusive na vida humana — embora o homem seja chamado a tornar-se independente deles na medida em que desenvolve a autonomia de seu eu. As leis da natureza são apenas a faceta visível, traduzida em termos de causalidade mecânica, da atuação espiritual desses deuses.

Em meio às referidas hierarquias, existem entidades que atuam de um modo distante ou hostil em relação à ordem cósmica representada pelos seres espirituais aí integrados. Tais entidades perturbam essa ordem e também atuam até sobre os homens. Nas várias religiões, elas são chamadas de demônios, diabos, entidades luciféricas, arimônicas, etc.

Todos os seres, inclusive o homem, encontram-se num contínuo processo de evolução. No que se refere ao homem, dependerá de cada indivíduo a conquista, graças ao seu livre-arbítrio, dos estados de moralidade e de desenvolvimento mental que constituem a 'meta' de sua existência humana.

Para esse desenvolvimento, *uma* vida terrestre é, sem dúvida, insuficiente. A pesquisa espiritual da Antroposofia confirma o fato

de haver, para cada eu humano, uma sequência de vidas terrestres que lhe permitem encarnar-se em muitas fases da evolução terrestre. Essas vidas sucessivas só têm sentido quando permitem ao indivíduo enfrentar condições e situações tais que possa progredir moralmente, devido ao seu livre-arbítrio. Naturalmente isso também implica na possibilidade de falhar, de regredir, de ser desviado de um caminho que deveria levar o homem, através das reencarnações, a atingir um estado final de perfeição e harmonia.

Por isso, cada vida coloca o indivíduo diante de situações, encontros, tarefas e problemas que ele considera como acasos ou meros infortúnios, quando na realidade formam um destino (*carma*, na terminologia hindu) que constitui como que um chamado, um desafio. Quem prepara os grandes fatos e situações 'cármicas' é o próprio eu, em sua existência espiritual anterior a cada encarnação. Ele não o faz *sozinho*, mas com a ajuda dos seres espirituais superiores que se acham, desta forma, intimamente ligados à existência humana.

Mas como é que 'carma' e livre-arbítrio podem coadunar-se? A resposta é simples. Cada acontecimento ou situação cármica é um desafio, uma pergunta que resulta de uma vida anterior; mas a 'resposta', isto é, a decisão que o indivíduo venha a tomar, depende de sua liberdade. Cada ato, cada decisão tomada numa vida terá consequências em vidas futuras. Todos os fatos e circunstâncias de uma vida apontam, portanto, seja para trás (sendo o resultado de algo passado), seja para o futuro (quando produzirão efeitos em outras vidas do mesmo indivíduo).

Entre as situações 'cármicas', os encontros humanos são, naturalmente, os mais importantes.

Todo o sentido da existência humana é, portanto, espiritual e moral: somos chamados a atingir, conscientemente e em plena liberdade, um estado superior de harmonia espiritual. Todas as constelações de nossa vida — nacionalidade, religião, doenças, encontros, problemas, busca de felicidade, etc. — são apenas uma 'encenação' de primeiro plano; o desenvolvimento espiritual e moral é a única meta que realmente conta. Cabe-nos fazer um esforço para aproximar-nos cada vez mais, através de vidas sucessivas, de uma imagem prototípica divina do ser 'homem'.

O ser humano tríplice

A além da constituição quaternária do homem — caracterizada pela presença de um corpo físico, um corpo etérico, um corpo astral e um eu —, Rudolf Steiner tornou pública, ao redor de 1917, uma outra descoberta, que se revelaria de sua importância não apenas no campo pedagógico. Procurando analisar as várias atividades anímicas do homem, Steiner chegou à conclusão de que seu número pode ser reduzido a três: o *pensar* — ao qual se deve juntar a percepção sensorial e a memória —, o *sentir* e o *querer*. Não existe atividade anímica que não se englobe, em última análise, numa dessas três áreas.

Essa divisão, porém, não se limita às atividades anímicas. Ela tem um reflexo na constituição física e nos graus de consciência da mente humana. Com efeito, o corpo humano pode ser considerado como sendo composto de cabeça, tórax e abdome, ao qual se acrescentam os membros; ora, essa divisão não é casual. A cabeça e o sistema abdome-membros formam uma polaridade:

Na cabeça está concentrado o sistema neurossensorial; ela contém o cérebro e a maior parte dos sentidos, como também o cerne do sistema nervoso central. Identificar a cabeça com a percepção e o pensamento parece, portanto, um truísmo. Convém, no entanto, frisar que ela é apenas o ponto de maior concentração dessas atividades, já que os órgãos de percepção, por exemplo, acham-se distribuídos no corpo inteiro.

Da mesma forma, o metabolismo está centralizado na parte abdominal, onde os movimentos peristálticos (inconscientes) e os processos de transformação, ajudados pelo trabalho preparatório dos membros, têm por finalidade ‘incorporar’ o mundo material ao organismo por meio da alimentação e de todos os processos correlatos (digestão, secreção, etc.). Também neste caso as funções metabólicas são centradas na parte abdominal, mas existem em todo o corpo.

Enquanto o abdome corresponde a um relacionamento ‘material’ ativo com o mundo ambiente, já que se trata de movimentos e

processos destinados a incorporar substâncias, o relacionamento entre a cabeça e o mundo se produz na maior imobilidade e passividade: para raciocinar e para receber impressões sensoriais nítidas, o homem deve ficar parado e abrir-se atentamente ao mundo exterior.

Entre esses polos, o sentir constitui uma atividade intermediária. É *dentro* de si que o homem avalia, por reações de agrado ou desagradado, de simpatia ou de antipatia, as impressões recebidas, os conteúdos dos pensamentos e até a qualidade dos alimentos ingeridos. Entre os dois extremos do pensar e do querer, o sentir ocupa uma posição mediadora, sublinhada na prática pela presunção de que o sentir está ligado ao coração e, numa visão mais ampla, à circulação (sangue) e à respiração, ou seja, aos processos rítmicos que têm sua origem na região torácica, mas que abrangem o corpo inteiro.

O âmbito deste livro não nos permite entrar em maiores detalhes, que o leitor interessado encontrará na obra de Rudolf Steiner.

Convém apenas mencionar ainda os seguintes aspectos:

Por que se fala em ‘vontade’, ao caracterizar a região inferior? É óbvio que não se trata da vontade clara e nítida de um ser consciente, mas do impulso bruto, subjacente a todos os impulsos vitais — aquilo que Schopenhauer² tinha em mente ao falar de ‘mundo como vontade e representação’. A energia instintiva, animalesca, orientada não pela inteligência, mas por forças naturais (que não deixam de ter uma imagem espiritual!), visa à conservação da vida e à continuidade da espécie (órgãos sexuais na parte abdominal dos animais superiores e do homem); enquanto isso, os movimentos têm, biologicamente, a função de ajudar na realização de tais intentos.

Esses três ‘sistemas’ têm, portanto, cada um seu centro, mas de outro lado se interpenetram. O próprio corpo humano é uma imagem dessa triplicidade.

Mas essas três atividades anímicas e sua projeção no corpo refletem suas características também no campo espiritual. Com efeito, só os processos neurossensoriais nos são totalmente conscientes. Estamos presentes com toda a nossa consciência de vigília ao raciocinarmos ou observarmos um fenômeno. Em compensação,

² [Arthur Schopenhauer (1788–1860), filósofo alemão.]

normalmente os processos do metabolismo permanecem na mais profunda inconsciência: nada sabemos da atividade de nosso fígado, do baço, etc. Dissemos 'normalmente' porque pode acontecer de termos subitamente consciência de um órgão que de hábito nunca se revela: falamos então em 'dor', e essa 'consciência num lugar errado' é justamente um indício de um estado anormal (doença), mostrando estar quebrado o equilíbrio normal.

Novamente o sistema rítmico, do meio, é caracterizado por um estado intermediário entre a consciência de vigília (cabeça – pensar) e a inconsciência (abdome – metabolismo). Trata-se de uma semi-consciência. A partir disto, pode-se estabelecer o seguinte paralelo:

<i>Sistema</i>	<i>Principal localização no corpo</i>	<i>Estado de consciência</i>
Neurossensorial	Cabeça	Consciência total: Vigília
Rítmico-circulatório	Tórax	Semiconsciência: Sonho
Metabólico-motor	Abdome e membros	Inconsciência: Sono

Em outras palavras: mesmo quando estamos plenamente acordados e conscientes (vigília), sonhamos em nossos sentimentos (circulação–respiração) e dormimos profundamente em nossa vontade (metabolismo–motricidade).

Nesta altura, o leitor atento não poderá suprimir um protesto: nada nos parece mais consciente do que os movimentos e nossas decisões de vontade; como conciliar esse fato com a afirmação de que 'dormimos' na vontade e nos movimentos?

Devemos fazer aí uma distinção entre a atividade de querer ou de mover-nos e a representação mental que dela fazemos quando lhe dirigimos nossa atenção. Podemos estar conscientes do movimento que queremos fazer com o braço (meta fixada) e da posição final atingida (meta alcançada). Em ambos os casos, trata-se de uma atividade do sistema neurossensorial (representar, pensar, observar). Mas a transmissão do nosso intento ao nosso sistema motor,

a observação 'do que se passa dentro de nós' até a realização do nosso impulso volitivo, tudo isso permanece mergulhado na mais profunda inconsciência.

Veremos, a seguir, que a tríade

<i>Pensar</i>	<i>Sentir</i>	<i>Querer</i>
(Intelecto)	(Sentimento)	(Metabolismo)
Plena consciência	Semiconsciência	Inconsciência

constitui um dos fundamentos do conceito de homem formulado por Steiner, bem como da pedagogia dele decorrente.